

# Jaká-Rendý

Vuatxú-Vuatxú-gi, homem guayakí maduro e respeitado, contou a Mayntzhusen:

jaká-rendý      pāpí      kurú      nyeó      puté rapá      rekó  
cabeça-ardente      pequeno      sarnento      de pele escura      feio      arco      ter

txatxú      jivōdý      birekó      membý      taná      vyvý  
porco do mato      costumam caçar      espōsa      crianças      muitas      também  
tatá      ja  
fogo      não

txāmá      rupí      ikūndý      atxé      pokó      pajé  
escuridão      com      costumam vir      Guayakí      tocar      árvore "incienso"  
rapú  
raiz

bydí      endá      kueitipe      peroní      kujá  
em baixo      morada      mata serrada com a      se confundem      mulher  
bruá  
grávida

menó pytý atxé bruá baipú krapiaré  
copular costumam (Guayakí grávida onça a comedora)  
darébu  
menstruação

ikündý jatxí pytý kaarupí jabú puté  
costuma vir carregar na nuca costuma mato para dentro falar mal

txobendujá atxé ro kybió pytxýbu 'yvýpe  
não ouvi Guayakí fazer contar agarrar quando terra para dentro  
iké  
desaparecem (1) .

Mayntzhusen, F. C. "Los Pigmeos en Leyendas de los Guaranies". In: Congreso Internacional de Americanistas. Rio de Janeiro, 1922. *Anais*. Rio de Janeiro, 1924. v. 1, p. 208, dá a seguinte versão dessa lenda: "Existen en la misma región que los Guayakies recorren unos enanos cuja estatura no pasa la de un niño. Viven en cuevas entre las raices del arbol payé (Incienso es el arbol preferido por el rayo, llama la atención que en Guarani se llama "payé" a los magos) . Los enanos son de cutis oscuro, tienen mujeres y muchos hijos, usan arcos y flechas, mal hechos pero suelen cazar jabalies con ellos. Sacan miel de abeja donde lo encuentran en los arboles huecos y pueden hacer invisible las endijas del palo por donde salen las abejas, de maneira que los Guayakies que ya los habian descubiertos no las encuentran mas. A veces aparecen de noche con luces en la cabeza, po reso su nombre Yakbundy (?), que quiere decir cabeza encendida. Aparecen con preferencia cuando ha nacido una criatura en el campamento de los Guayakies, o cuando una muchacha tenga su primera menstruación, pero no hacen mal. Si uno los quiere agarrar desaparecen entrando en la tierra. Se dan seña unos a otros imitando el chillido del pajaró Dromococcyx-phasianellus, idéntico como los Guayakies que se entienden imitando la voz del mono (cebus), para que algun enemigo que pudiera estar cerca no se apercibe de su presencia. No conocen el uso de hachas, ni saben hacer fuego".

Cadogan, Léon. *Aves y Almas de Difuntos en la Mitologia Guarani y Guajakí*. *Anthropos*. Freiburg in der Schweiz, 1: 151, 1955, reproduzindo um diálogo que teve com o Guayakí Kandégi (talvez o Kanégui que, em 1933, encontrei em Capitán Meza) menciona que perguntou por alguém "a quien no se puede matar, no se puede comer que vive en la selva". "Si, Jakarendy", respondeu o índio e, perguntando quem seria Jakarendy, respondeu o índio e, perguntando quem seria Jakarendy, explicou: "Avá i, hombre chico, indicando una estatura de más o menos cincuenta centímetros. *Morotĩ sakã*, de un blanco brillante, señalando el papel en que yo

tomaba mis notas. *Guereko rapa*, tiene arco; *guereko hu'y*, tiene flechas". Cadogan quiz saber o que Jakarendy está fazendo. "En respuesta, Kandégi imitou el silbido del *Chochi* (Saci), llamado también *Jaséyatero guyra y*, por los Mbyá, *Andyrá*, ave de la familia Cuculidae, el *Tapera naevia*. Luego agregó: *Mo kañy tape* (hace que se pierda el camino; v.g.; hace que uno se extravié o se pierda)". Comenta o autor: "Siendo en extremo limitados mis conocimientos de la lengua y de mitología guajakies, proseguir el interrogatoria hubiera sido inútil; y me limitaré a agregar que *jaka, aka*, tanto en guaraní "clásico" (Montoya), como en mbyá-guaraní, significa: castigar reprender con violencia; constituyendo una de las radicales de que se compone el nombre del Dios de la Primavera mbyá-guaraní: *Jakairá. Endy* (hendy, rendy) en guaraní significa: arder, llama; en guajakí, según Bertoni, significa: quemarse; pero ni Verdún ni kandégi (ni la limitada bibliografía que tengo a mano) pudieron explicarme el verdadero significado que encierra *Jakarendy*".

Mayntzhusen traduzindo "Yakārendy" por "cabeza encendida", a primeria metade dêste têrmo contém o vocábulo guayakí "akā" que, segundo o autor (Die Sprache der Guayakí. *Zeitschrift für Eingeborenen Sprachen*. Berlin, 10 (1): 9, 1919-20, separata), significa "Schädel" (crânio), correspondendo a "Acang": "Cabeça" (Montoya, Antonio Ruiz de, Pe. *Vocabulario y Tesoro de la Lengua Guarani, o mas bien Tupi*. Nueva ed. Viena, 1876. v. 12-3. p. 125). Se aceitamos aquela tradução considerando, ainda, que a de "rendy" coincide com a de Cadogan, como explicar, então, o significado de "cabeza encendida"? Referindo-se Mayntzhusen ("Los Pigmeos...", p. 207) à descrição dos "Yacy-yateré" pelos paraguaios, escreve: "... con aspecto de indio dicen los unos, mientras que otros los digan ser rubios". Será a descrição como "rubios" uma alusão à "cabeza encendida"?

É sabido que o mesmo año aparece, no Brasil, como negrinho sob o nome de Saci-pererê, correspondendo o "saci" ao "yacy" dos paraguaios como denominação, também, da *Tapera naevia*, ave da família dos Cuculídeos. Encontramos a seu respeito um minucioso estudo em Cascudo, Luís da Câmara. *Geografia dos Mitos Brasileiros*. Rio de Janeiro, 1947. p. 139-62 (Documentos brasileiros, 52) que ventila, também, a questão se o nome Saci vem da ave ou do año.

O que nos interessa, especialmente, nas versões brasileiras, é um detalhe referido por vários autores, isto é, o chapéuzinho vermelho usado pelo negrinho (Cascudo, op. cit., p. 139, 153, 162. Ihering, Rodolpho von. *Dicionário dos Animais do Brasil*. São Paulo, 1940. p. 694. — Stradelli, E. Vocabulários da Língua Geral Portuguez-Nheêngatú e Nheêngatú-Portuguez. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, 158 (104):

636, 1929). Não haverá alguma ligação entre a côr vermelha daquilo que o negrinho tem na cabeça e o fogo na cabeça do Jaká-rendý? Os Tupirapé, tribo tupi da bacia do Araguaia, atribuindo fôrça sobrenatural ao ornamento de cabelo feito de penas de arara vermelha, declararam a Wagley, Charles. Xamanismo Tapirapé. *Boletim do Museu Nacional; antropologia*. Rio de Janeiro<sup>(3)</sup>: 33, 1943. "Penas de arara vermelha são quentes como fogo...; o sol é quente porque usa um grande ornamento de cabeça feito de penas vermelhas". Acrescenta o mesmo autor, op. cit.: "Esse calor atrai sempre o sobrenatural". Segundo um inquérito dirigido por Monteiro Lobato, o poder sobrenatural do Saci está ligado a sua carapuça vermelha (Casudo, op. cit., p. 153). Para Casudo (ibid., p. 162) porém, "a carapuça vermelha do Saci provirá das popularíssimas carapuças dos marujos de Portugal no século do Descobrimento".

HERBERT BALDUS

1 Informação verbal dada por F. C. Mayntzhusen ao autor.

2 Erro tipográfico, pois, na página anterior, lemos "Yakãrendý".